

CHARLES DICKENS

A LOJA DE ANTIGUIDADES

Traduzido do inglês (Inglaterra)
por Ersílio Cardoso

Ilustrações de
George Cattermole
Hablot Browne «Phiz»
Samuel Williams
Daniel Maclise





A velha loja de curiosidades.

A Loja de Antiquidades

CAPÍTULO I

Apesar da minha avançada idade, é à noite, em geral, que eu mais gosto de passear. No Verão, saio muitas vezes de casa de manhã cedo e vagueio pelos campos e pelos caminhos durante todo o dia ou, até, durante dias e semanas seguidos. A não ser no campo, porém, raras vezes saio de casa antes do cair da noite, embora, graças a Deus, adore a sua luz e sinta, como qualquer mortal, a alegria que ela derrama sobre a terra.

Caí insensivelmente neste hábito, não só porque ele é favorável à minha doença, mas também porque me dá maior oportunidade de especular sobre os caracteres e ocupações das pessoas que enchem as ruas. A claridade e a azáfama do meio-dia não se prestam ao meu ocioso deambular; um vislumbre dos rostos que passam apanhado à luz de um candeeiro público ou de uma montra é muitas vezes melhor, para o meu intento, que a sua rápida revelação à luz do dia; e, para dizer toda a verdade, a noite é, a este respeito, mais amável que o dia, que destrói frequentemente um castelo no ar, no momento em que o criamos, sem a menor cerimónia ou remorso.

Esse ruído constante de passos, essa contínua inquietação, esse raspar incessante de pés que torna macias e brilhantes as pedras ásperas — sempre me maravilhou como os moradores das ruas estreitas podem suportá-los. Pensai num doente num lugar como Saint Martin's Court, escutando os passos e, no meio da dor e da fadiga, obrigado, contra sua vontade (como se fosse uma tarefa que tivesse de executar) a distinguir os passos da criança dos do homem, o mendigo de botas cambadas do elegante bem calçado, o ociosos dos atarefados, o pisar triste do

proscrito desocupado do passo rápido do epicurista ansioso — pensai no zumbido e ruído sempre presentes nos seus ouvidos e na corrente de vida que não cessa, continuamente derramada nos seus sonhos inquietos, como se estivesse condenado a jazer morto, mas consciente, num cemitério barulhento, sem esperança de repouso para os séculos que estão para vir.

Depois, as multidões que eternamente passam e repassam nas pontes (pelo menos nas que são livres de portagem), onde muita gente pára nas tardes bonitas, olhando distraidamente para a água, com a vaga ideia de que em breve ela correrá entre margens verdes que a pouco e pouco se alargam, até se juntar ao vasto mar; onde alguns param para repousar de pesadas cargas e pensam, enquanto olham para o parapeito, que passar preguiçosamente a vida a fumar e a dormir ao sol sobre um encerado quente, numa barca vagarosa e triste, deve ser a felicidade completa; e onde alguns, de classe muito diferente, param com cargas mais pesadas que as daqueles, lembrando-se de ter lido ou ouvido dizer que morrer afogado não é uma morte custosa, antes o mais fácil e o melhor dos suicídios.

Também o mercado de Covent Garden ao nascer do Sol, na Primavera ou no Verão, quando a doce fragrância das flores se espalha no ar, dominando até os insalubres vapores da libertinagem da noite passada e quase enlouquecendo de alegria o triste tordo cuja gaiola esteve pendurada à janela de uma água-furtada, durante toda a noite! Pobre pássaro! É o único ser ali próximo semelhante aos outros pequenos cativos, alguns dos quais, escapando-se das mãos quentes de compradores bêbedos, jazem já no caminho, enquanto outros, embrutecidos pelo aperto em que viajaram, esperam o momento em que serão banhados e desalterados, para prazer de gente mais sóbria, e em que farão os velhos caixeiros que passam por eles, a caminho dos seus negócios, perguntar a si próprios o que encheu os seus peitos de visões do campo.

Mas não é agora meu intento alargar-me em considerações sobre os meus passeios. Uma aventura que vou contar, e a que recorrerei de tempos a tempos, nasceu de um desses devaneios e por isso fui levado a falar deles, à guisa de preâmbulo.

Uma noite, tinha eu vagueado pela cidade e seguia lentamente o meu caminho habitual, cogitando sobre muitas coisas, quando fui detido por

uma pergunta, cujo sentido não compreendi, mas que parecia ser-me dirigida e que me impressionou muito agradavelmente pela voz suave com que foi pronunciada. Voltei-me rapidamente e vi junto ao meu cotovelo uma bonita rapariguinha, que desejava saber o caminho para certa rua distante e que ficava, até, noutra bairro da cidade.

— É muito longe daqui, minha filha — disse eu.

— Bem sei, senhor — replicou ela, timidamente. — Sei que é muito longe, porque vim de lá esta noite.

— Sozinha? — tornei eu, um tanto surpreendido.

— Sozinha, mas isso não me apoquenta. Agora estou um pouco assustada porque me perdi no caminho.

— E que a fez dirigir-se a mim? Suponha que eu lhe ensinava mal.

— Tenho a certeza de que não faria isso — disse a pequenita —, porque é um senhor tão idoso e anda também tão devagar.

Não posso descrever quanto me impressionou este apelo e a energia com que foi feito, que levou uma lágrima aos olhos da criança e fez tremer a sua figurinha esbelta, quando olhou para o meu rosto.

— Venha comigo — disse eu —, vou levá-la lá.

Ela deu-me a mão tão confiadamente como se me tivesse conhecido desde o berço e começámos a caminhar juntos. A pequenita acertava o passo pelo meu e mais parecia conduzir-me e olhar por mim que ir entregue à minha protecção. Notei que, de quando em vez, me lançava um olhar furtivo, como para assegurar-se de que eu não a enganava, e que esses olhares (que eram muito vivos) pareciam aumentar cada vez mais a sua confiança.

Pela minha parte, a minha curiosidade e interesse eram, pelo menos, iguais aos da criança (pois era, sem dúvida, uma criança), embora eu julgasse provável que a sua constituição franzina e delicada emprestasse uma maior juventude ao seu aspecto. Embora pudesse estar menos parcamente ataviada, o seu aseo era perfeito e não tinha quaisquer sinais de pobreza ou desleixo.

— Quem a mandou sozinha tão longe? — perguntei.

— Alguém que é muito bom para mim, senhor.

— E que esteve a fazer?

— Isso não posso dizer — respondeu ela firmemente.

Havia qualquer coisa nesta resposta que me fez olhar para a criaturinha com ar de involuntária surpresa. Porque perguntava a mim próprio

que recado podia ser o seu, que a fazia estar preparada para um interrogatório. Os seus olhos espertos pareceram ler os meus pensamentos porque, ao encontrarem os meus, ela acrescentou que não havia mal algum no que estivera a fazer, mas que era um grande segredo — um segredo que nem ela própria sabia.

Isto foi dito sem qualquer aparência de astúcia ou impostura, mas com uma franqueza que trazia a marca da verdade. Continuou a caminhar como até ali, tornando-se mais familiar comigo à medida que caminhávamos e conversávamos animadamente, mas nada mais disse a respeito da sua casa, além de notar que íamos por um caminho diferente e de perguntar se esse caminho era mais curto.

Enquanto assim caminhávamos, eu discutia com o meu espírito cem explicações diferentes daquele enigma e rejeitava-as todas. Sentia realmente vergonha de aproveitar-me da ingenuidade ou da gratidão da criança para satisfazer a minha curiosidade. Eu gosto da gente miúda. E considero que não é coisa de menos importância que ela, ainda fresca da mão de Deus, goste de nós. Como me dava prazer, ao princípio, a sua confiança, decidi merecê-la e dar crédito ao temperamento que a tinha levado a confiar em mim.

Não havia razão, contudo, para que eu me impedisse de ver a pessoa que a tinha impensadamente mandado de noite e sozinha a uma tão grande distância; e, como não era improvável que ela, ao chegar perto da casa, se despedisse de mim e me privasse dessa oportunidade, evitei os caminhos mais conhecidos e escolhi os mais complicados, de forma que só quando chegámos à própria rua ela soube onde se encontrava. Batendo as palmas de prazer e correndo um pouco à minha frente, a minha pequena conhecida parou a uma porta e, esperando no degrau até eu chegar, bateu quando me juntei a ela.

Uma parte dessa porta era de vidro e sem qualquer protecção de madeira, pormenor que a princípio me escapou porque tudo estava muito escuro e sossegado lá dentro e eu estava ansioso (como, aliás, estava também a criança) por uma resposta à nossa chamada. Depois de ela ter batido duas ou três vezes, ouviu-se um ruído como de alguém que se movesse lá dentro e, por fim, apareceu através do vidro uma luz débil, que, aproximando-se muito lentamente, porque aquele que a segurava tinha de abrir caminho através de muitos artigos espalhados, me permitiu ver não só que espécie de pessoa era aquela que

se aproximava, mas também que espécie de casa era aquela em que se movia.

Era um ancião um pouco baixo, com compridos cabelos grisalhos, cujo rosto e estatura eu pude ver claramente quando ele se aproximou, levantando a luz acima da cabeça. Embora muito mudado pela idade, pareceu-me reconhecer na sua forma esguia e esbelta qualquer coisa daquela constituição delicada que notara na criança. Os olhos, de um azul-claro, eram, sem dúvida, semelhantes; mas a face do velho estava tão profundamente enrugada e marcada pelos cuidados, que, aqui, toda a semelhança cessava.

O lugar por onde ele caminhara devagar era um desses receptáculos para velhas curiosidades que parecem aninhar-se em estranhos recantos desta cidade e esconder ciosa e desconfiadamente os seus tesouros bolorentos dos olhos do público. Há cotas de malha que lembram fantasmas nas suas armaduras, gravuras fantásticas trazidas de claustros monacais, armas ferrugentas de vários géneros, figuras disformes de louça, de madeira, de ferro e marfim; tapeçarias e móveis estranhos, que se diriam imaginados em sonhos. O ar macilento do velhote condizia maravilhosamente com o lugar: poderia ele próprio ter percorrido velhas igrejas, túmulos e casas desertas, juntando todos os despojos com as suas próprias mãos. Nada havia em toda a coleção que não estivesse de harmonia com ele; nada que parecesse mais velho ou mais cansado.

Quando deu a volta à chave, olhou-me com certo espanto, que não diminuiu quando olhou de mim para a minha companheira. Aberta a porta, a pequena dirigiu-se-lhe, chamando-lhe avô, e contou-lhe a pequena história da nossa companhia.

— Valha-te Deus, minha filha — disse o velho, afagando-lhe a cabecita —, como pudeste perder-te no caminho? Que havia de ser de mim, se te tivesse perdido, Nell?

— Eu havia de ter encontrado o caminho até ti, avô — disse a criança ousadamente —; não tenhas medo.

O avô beijou-a e, voltando-se em seguida para mim, pediu-me que entrasse. Assim fiz. A porta foi fechada, dada a volta à chave. Precedendo-me com a luz, conduziu-me através do compartimento que eu já tinha visto de fora até uma pequena sala de estar; dali, outra porta dava para uma espécie de pequeno quarto, onde vi uma caminha em que poderia ter dormido uma fada, tão pequenina era e tão

bem arranjada. A pequena pegou numa vela e entrou nesse quartinho, deixando-me com o ancião.

— Deve estar cansado, senhor — disse ele, colocando uma cadeira perto do lume —, como poderei agradecer-lhe?

— Tomando mais cuidado na sua neta, para outra vez, meu bom amigo — repliquei.

— Mais cuidado! — repetiu ele, numa voz aguda. — Mais cuidado com a Nelly! Quem, jamais, gostou de uma criança como eu gosto da Nell?

Disse isto com tão evidente surpresa, que eu hesitei na resposta a dar, tanto mais que, a par de qualquer coisa de fraco e vacilante nos seus modos, havia no seu rosto sinais de profundos e ansiosos pensamentos, que me convenceram de que ele não podia estar, como a princípio me inclinara a supor, num estado de imbecilidade.

— Não creio que considere... — comecei.

— Não considero! — exclamou o velho, interrompendo-me —, não a considero! Ah, que pouco o senhor sabe da verdade! Querida Nelly, querida Nelly!

Seria impossível, a qualquer homem, fosse qual fosse a forma do seu discurso, exprimir maior affecto do que exprimiu o vendedor de curiosidades nestas quatro palavras. Esperei que falasse de novo, mas ele, apoiando o queixo na mão e abanando a cabeça duas ou três vezes, fixou os olhos no lume.

Enquanto assim estávamos sentados em silêncio, a porta do quartito abriu-se e a pequena voltou, com o cabelo castanho solto pelas costas e a face afogueada da pressa que tivera em vir juntar-se a nós. Tratou imediatamente de preparar a ceia e, enquanto ela o fazia, notei que o velho aproveitava a oportunidade para me observar mais atentamente. Eu estava surpreso por ver que, durante este tempo, tudo era feito pela pequenita e que não parecia haver na casa outras pessoas, além de nós. Aproveitei um momento em que ela estava ausente para arriscar uma observação sobre este assunto, ao que o velho me respondeu que havia poucas pessoas crescidas tão cuidadosas e dignas de confiança como ela.

— Sempre me penaliza — disse eu, excitado pelo que supunha eu ser o seu egoísmo —, sempre me penaliza ver as crianças iniciadas nos caminhos da vida, quando pouco mais são que meninos. Creio que isso

lhes restringe a confiança e a simplicidade, duas das melhores qualidades que o Céu lhes dá — e as obriga a compartilharem das nossas tristezas, antes de poderem entrar nas nossas alegrias.

— Não restringirá as dela — disse o velho, olhando-me fixamente —; as fontes são muito profundas. Além disso, os filhos dos pobres conhecem poucos prazeres. Até os simples prazeres da infância têm de ser comprados e pagos.

— Mas, desculpe que lho diga, o senhor não é, certamente, tão pobre como tudo isso — disse eu.

— Ela não é minha filha — tornou o velho. — A mãe era pobre. Eu não economizo nada, nem um centavo, embora viva como vê, mas... — pousou-me a mão no braço e inclinou-se para a frente, para me segredar — ela há-de ser rica um dia e uma grande senhora. Não pense mal de mim porque utilizo os seus serviços. Presta-os alegremente, como vê, e ficaria muito triste se eu deixasse que mais alguém me fizesse o que as suas mãozinhas podem fazer. Não considero! — exclamou, numa súbita lamúria —, Deus sabe que esta criança é o único pensamento e a única finalidade da minha vida e, contudo, nunca me favorece... Não, nunca!

Nesta conjuntura, o objecto da nossa conversa voltou de novo e o velho, fazendo-me sinal que me aproximasse da mesa, interrompeu-se e não disse mais.

Mal tínhamos começado a nossa refeição, quando bateram à porta por que eu tinha entrado e Nell, rindo, com um riso que me deu gosto ouvir, porque era infantil e sincero, disse que não havia dúvida de que era Kit que voltava, finalmente.

— Pateta da Nell! — exclamou o velho, afagando-lhe os cabelos. — Ri-se sempre do pobre Kit.

A pequenita riu de novo e com mais vontade que antes, e eu não pude deixar de sorrir, de pura simpatia. O velhinho pegou numa vela e foi abrir a porta da frente. Quando voltou, Kit vinha atrás dele.

Era um garoto de cabelo espesso, desajeitado, gingão, com uma boca invulgarmente grande, faces muito vermelhas, nariz arrebitado e, sem dúvida, a expressão mais cómica que jamais vi. Parou à porta, ao ver um estranho, torceu nas mãos um velho chapéu inteiramente redondo e sem quaisquer vestígios de aba e, descansando ora numa perna, ora noutra, e mudando-as constantemente, ficou à porta, olhando para a

sala com o mais extraordinário olhar de soslaio que jamais vi. Acalentei pelo rapaz, a partir desse momento, um sentimento de gratidão, porque senti que era ele a alegria da vida da criança.

— Grande caminhada, não, Kit? — perguntou o velho.

— Lá isso, foi um bom estirão, patrão — respondeu Kit.

— Encontraste a casa facilmente?

— Lá isso, não foi muito fácil — disse Kit.

— Com certeza, trazes fome?

— Lá isso, bastante, patrão — foi a resposta.

O garoto tinha uma maneira especial de se pôr de lado, enquanto falava, atirando a cabeça por cima do ombro, como se não pudesse falar sem essa acção de acompanhamento. Creio que ele teria divertido qualquer pessoa em qualquer parte; mas o prazer enorme que a pequena encontrava na sua excentricidade e a satisfação de descobrir que havia alguma coisa que ela associava com alegria, num lugar que lhe parecia tão pouco adequado, eram absolutamente irresistíveis. É curioso, também, que o próprio Kit parecia lisonjeado pela sensação que provocava e, depois de vários esforços para salvar a sua dignidade, rebentou num estrondoso rugido e ficou de boca escancarada e olhos quase fechados, rindo violentamente.

O velho tinha caído de novo na sua primitiva abstracção e não reparava no que se passava. Mas eu notei que, quando ela acabou de rir, os olhos da pequena estavam rasos de lágrimas, provocadas pela alegria que lhe causava o seu tosco favorito, depois da pequena inquietação dessa noite. Quanto a Kit (cujo riso tinha sido, durante todo o tempo, desse género que muito pouco bastaria para transformar num pranto) levou para um canto uma grossa fatia de pão com carne e uma caneca de cerveja e aplicou-se a fazê-las desaparecer com grande voracidade.

— Ah! — disse o velho, voltando-se para mim com um suspiro, como se eu acabasse de lhe falar nesse momento —, o senhor não sabe o que diz, quando afirma que eu não me importo com ela.

— Não deve ligar demasiada importância a uma observação baseada nas primeiras aparências, meu amigo — repliquei eu.

— Não — tornou o homem, pensativamente —, não. Vem cá, Nell.

A pequenita correu do seu lugar e passou-lhe o braço pelo pescoço.

— Eu gosto de ti, Nell? — perguntou ele. — Diz lá: gosto de ti ou não?

A criança respondeu apenas com carícias e pousou-lhe a cabecita no peito.

— Porque é que tu choras? — perguntou o avô, apertando-a mais de encontro a si e olhando para mim. — É porque sabes que eu gosto de ti e não gostaste que eu parecesse duvidá-lo com a minha pergunta? Bem, bem, eu gosto muito de ti.

— Pois gosta — respondeu a criança, com grande fervor —, o Kit bem sabe.

Kit, que, ao comer o seu pão com carne, engolia dois terços da faca de cada vez, com a impassibilidade de um prestidigitador, parou de repente a sua operação, ao ser assim invocado, e berrou:

— Ninguém é tão tolo que diga que não! — Depois do que se impossibilitou de mais conversa, engolindo, de uma só vez, um prodigioso pedaço de sanduíche.

— Ela agora é pobre — disse o velho, afagando a face da pequena —, mas repito que há-de vir a ser rica. Tem custado a chegar esse tempo, mas há-de chegar, por fim. Há-de chegar, embora tenha custado. Tem chegado para outros homens, que vivem só em dissipações. Quando chegará para mim?

— Sou muito feliz assim, avô — disse a pequena.

— Ora, ora — tornou o velho. — Tu não sabes. Como havias de saber? — E de novo murmurou entre dentes: — Há-de chegar o tempo, tenho a certeza. Será ainda melhor por vir tarde. — Então, suspirou e caiu de novo no anterior estado de meditação, segurando ainda a pequena entre os joelhos, e parecendo insensível a tudo o que o rodeava. Por esta altura, porém, faltavam poucos minutos para a meia-noite e eu levantei-me para partir, o que o chamou à realidade.

— Um momento, senhor — disse ele. — Quase meia-noite, Kit, e tu ainda aqui, meu rapaz! Vai para casa, vai para casa e vê se estás cá à hora, de manhã, que há trabalho para fazer. Boa noite! Vá, dá-lhe as boas-noites, Nell, e deixa-o ir embora!

— Boa noite, Kit — disse a pequena, com os olhos brilhantes de alegria e bondade.

— Boa noite, Menina Nell — respondeu o rapaz.

— E agradece a este senhor — interveio o velho. — Se não fosse ele, talvez eu tivesse perdido a minha menina esta noite.

— Não, não, patrão, isso é que não.